

OLHARES DA(S) INFÂNCIA(S): PESQUISA COM CRIANÇAS

Antônio Genivaldo Silva Feitosa¹

RESUMO

Discutirei neste artigo, a pesquisa que trata dos modos como as crianças são produzidas e constituídas a partir de suas histórias, lugares, tempos num espaço de abrigo. Problematizo acerca das “das guerras” diárias vividas pelas crianças na Casa Abrigo como: falta da família, vulnerabilidade social, privação da liberdade, dúvida sobre o tempo no abrigo. A pesquisa com crianças abrigadas remeteu-me a duas perguntas: como as infâncias são produzidas na Casa Abrigo? Quais suas impressões sobre os espaços de abrigo, por eles vividos com as outras crianças? A investigação realizou-se com crianças de 5 a 12 anos no município de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil. A participação das crianças instigou-me a utilizar instrumentos metodológicos que fizessem emergir o processo criativo e imaginativo das crianças, suas interpretações e impressões acerca do espaço da Casa Abrigo. Através de suas narrativas foi possível dar visibilidade às experiências por elas vividas no espaço de abrigo. Busquei apoio teórico em Foucault, Dornelles, Rangel, Sarmento, Trevisan, Mirzoeff, entre outros. Entendo, a partir da pesquisa, que a constituição das *infâncias abrigadas* é atravessada por discursos das mais diversas ordens, dentre elas, destaco os discursos sobre controle, gênero, sexualidade, poder, valores, disciplinamento e normatização.

Palavras-chave: Crianças Abrigadas. Infâncias. Disciplinamento.

PESQUISA COM CRIANÇAS

Este artigo faz emergir narrativas de crianças, na escuta de suas vozes, a partir da minha pesquisa de mestrado intitulada “A Infância Abrigada: Impressões das Crianças na Casa Abrigo”, problematizo como as infâncias são produzidas na Casa Abrigo e quais as impressões das crianças que nela vivem com outras crianças, sobre esse espaço de abrigamentos. Pesquisar com

¹ Titulação: Mestre em Educação; Filiação: PPGEDU/FACED/UFRGS; Endereço Eletrônico: gennios@bol.com.br. Este artigo faz parte da Dissertação de Mestrado intitulada Infância Abrigada: Impressões da Criança na Casa Abrigo. Porto Alegre: UFRGS, 2011. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Agosto de 2011. Seu autor é diretor da E.M.E.F São João, Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul, Brasil.

as crianças me conduziu a uma pluralidade de vozes, mediante inusitados diálogos, gerados na interação das crianças com outras crianças e das crianças com o pesquisador.

A presente pesquisa procurou interpretar e analisar os modos como as crianças constituem suas impressões sobre o morar na Casa Abrigo. Impressões essas que, no momento de investigá-las, implicou a busca por metodologias e estratégias investigativas, que permitissem conhecer um pouco do “olhar” da infância abrigada. Como afirma Sarmento, o “olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente” (SARMENTO, 1997, p.25).

Nas metodologias que envolvem as crianças da Casa, foi possível encontrar estratégias de aproximação que levassem em conta o envolvimento e a mobilização, a ação individual e coletiva das crianças. Tais pressupostos são apontados por Sarmento (2007) quando afirma que “a dimensão colaborativa da pesquisa e por aqui se exprime o sentido da participação infantil na investigação sobre os mundos sociais e culturais das crianças”.

Como instrumento de pesquisa, optei pela perspectiva de uma investigação participativa com crianças, uma vez que me pareceu a opção mais adequada relativamente ao que me propunha a fazer, ou melhor, o acompanhamento das dinâmicas socioculturais das crianças, das suas ações e interações no contexto institucional, a fim de compreender como as suas infâncias são produzidas na Casa Abrigo ou como e quais foram as rotinas de atividades partilhadas no grupo de crianças.

Na perspectiva, referenciada pelos estudos da sociologia da infância, a criança pesquisada é colocada como “confiável e respeitável” naquilo que diz, naquilo que trata sobre os assuntos/atividades discutidos e abordados no processo de participação na investigação. E isso foi também constatado por mim ao investigar com elas e não sobre elas.

Olhando para trás observo que a percepção da Infância, até meados dos anos 1990, tratava das crianças como seres incompletos, sem inteligência, inatos e sem cultura. Nesse contexto, as crianças não eram reconhecidas no seu potencial ativo, sendo interpretadas como não confiáveis e respeitáveis. Muitos estudos sobre a Sociologia da Infância, como nos escritos

de Sarmiento (1997), Trevisan (2007), Prout (2004) vão mostrar a grande relevância em levar em consideração a escuta das próprias crianças como ativos e participantes da pesquisa com crianças.

Considerar a participação das crianças na investigação, é um passo decorrente da construção de uma disciplina das ciências sociais que procura desconstruir a persistente afonia e invisibilidade das crianças nas investigações, que ao longo do último século se foram multiplicando sob a égide de tentar compreender a criança, sem nunca considerar essa mesma criança enquanto elemento válido do processo, com voz e opinião acerca do mesmo (SOARES, SARMENTO, TOMÁS, 2004, p.06).

A construção metodológica na pesquisa com crianças requer, como lembra Sarmiento (2003), que

[...] nos contactos directos quotidianos podemos muitas vezes surpreender os gestos e as palavras que significam o mundo de vida das crianças, as entrevistas mais formalizadas não têm sentido, devendo em seu lugar, ser realizado com mais atenção todo o processo de recolha de informação que decorre da observação e da análise de documentos "reais", isto é, de textos produzidos pelas quais perpassa uma voz autônoma e livre, tão difícil de captar na forma estruturada da entrevista formal. (p.163)

A partir dessa perspectiva, procurei tramar uma rede discursiva, a qual as crianças estavam imersas ao cotidiano da instituição Abrigo. Coloquei-as como atores das múltiplas interações de crianças com outras crianças e de crianças com adultos.

Desse modo, a participação das crianças em todo o processo de pesquisa instigou-me a pensar em instrumentos metodológicos que exigissem a imaginação e a criatividade, tendo em vista a interpretação, o sentimento e o falar sobre suas vivências ali no espaço onde elas viviam, aproximando assim, seus saberes e suas culturas.

A CASA: O LUGAR ONDE AS CRIANÇAS FORAM ABRIGADAS/ACOLHIDAS

Que lugar é este onde as crianças e adolescentes foram abrigados/acolhidos? A Casa Abrigo está localizada num bairro nobre da cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul – Brasil, num bairro que conhecido pelos luxuosos condomínios e suas belas casas. Fundada em 2003 e, desde então, conveniada com a Secretaria de Assistência social – SDS da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo.

No momento da pesquisa, a instituição atendia 28 crianças e adolescentes, com faixa etária de 2 a 13 anos, sendo a sua capacidade de 20 atendimentos. Todos os internos estão em situação de abandono, miséria, de rua, vítimas de violência, da violência sexual (estupro), pais ou responsáveis detidos (presidiários), incluindo crianças portadoras de necessidades especiais: deficiência mental leve/moderada.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia proposta na pesquisa priorizou a escuta das crianças para compreender seus modos de ação e interpretação e sentimentos. Mais do que observá-las, pretendi escutar suas vozes. O envolvimento e a participação das crianças nas pesquisas foram pautados pelo respeito pelo grupo pesquisado e pela possibilidade de expressar suas próprias opiniões, visões e habilidades, pois entendo que o respeito à criança está aqui relacionado com os seus direitos.

Para investigar sobre o que pensam sobre a Casa Abrigo, sobre quais as suas impressões da vida na Casa Abrigo, busquei apoio nos trabalhos desenvolvidos por Dornelles (2007), Cunha (2007), Sarmiento (2007), Trevisan (2007), Ramos (2010) e faço uso de suas ferramentas de pesquisa para organizar minha metodologia de trabalho, parto das seguintes questões:

POR QUE PESQUISAR NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS?

Muitos estudos têm analisado a interação de crianças abrigadas, entretanto, grande parte deles não se centra no ponto de vista das

crianças abrigadas e mais raros ainda, são aqueles que se debruçam a estudar na perspectiva das crianças que vivem nesta situação de vulnerabilidade social.

A pesquisa me auxiliou a mostrar que as crianças abrigadas têm muito a dizer sobre a cultura societal na qual estão inseridas. Por meio de seus saberes, elas me permitiram conhecer não apenas seus jogos e brincadeiras mas, também, me apresentaram um amplo conhecimento sobre o mundo e as mazelas da sociedade em que vivem.

Os estudos que buscam "dar voz" às crianças ainda são bastante recentes, tendo sido impulsionados pelo campo da Sociologia da Infância no início dos anos 1990. Por isso, acredito eu, foi um longo caminho trilhado, abrindo possibilidades de análise ao longo dessa dissertação.

Observei na feitura da dissertação que as crianças abrigadas pertencem a um grupo geracional que não produz pesquisas, mas essa invisibilidade da infância não pode significar a ausência de suas perspectivas, ainda que isso passe por importantes desafios metodológicos.

QUAL A IMPORTÂNCIA DESTA ESTUDO PARA O CAMPO DA EDUCAÇÃO?

A pesquisa colaborou e colabora com os estudos que versam sobre a educação das crianças e adolescente abrigados, mostrando como, através das suas próprias narrativas e da observação do pesquisador, suas "impressões" foram se constituindo a partir dos "lugares", "espaços", "relações pessoais", "regras", "rotinas" e dinâmicas sociais da instituição pesquisada. Sobretudo, esta pesquisa possibilitou que se pudesse colaborar com a produção de conhecimentos a respeito das Infâncias Abrigadas, permitindo analisar como vivem e o que dizem sobre esta vivência as crianças neste espaço de abrigo.

Algumas questões metodológico-investigativas referentes à pesquisa com crianças me instigou a pensar em instrumentos que exigissem à imaginação e à criatividade que auxiliassem as crianças a trazerem suas impressões do mundo. Para que isso ocorresse organizei o trabalho da seguinte forma:

- 1ª Atividade: Colagens em caixa de papelão “lugar que as crianças gostariam que tivesse na Casa Abrigo”;
- 2ª Atividade: “fotografar o espaço que eles gostam no abrigo”;
- 3ª Atividade: “conversas” realizadas em grupo e individualmente, possibilitando discussões sobre os trabalhos por elas desenvolvidos;

As atividades foram realizadas uma vez por semana, por cerca de 80 minutos, durante 3 meses. As crianças receberam o *Termo de Consentimento Informado da Criança* e mais explicações sobre a pesquisa. Foram ao todo 14 encontros com as crianças (durante 4 meses), totalizando 10 semanas de atividades. Nas outras semanas, conversei em grupo e individualmente sobre as atividades trabalhadas. Realizei também observações-participantes com vista a me aproximar e constituir vínculo com as crianças nos espaços da Casa Abrigo (no pátio, na sala de jogos, sala da TV, etc.). As conversas sobre os trabalhos foram gravadas com gravador de voz, em alguns momentos eles ouviam as suas falas, o que lhes dava grande prazer.

No diário de campo, eram registradas as observação e anotações utilizadas como instrumento de coleta de dados, como por exemplo, descrição do espaço físico da Casa Abrigo, descrição das atividades, anotações de impressões e as recorrências discursivas que mais apareceram na pesquisa.

Utilizando as fotografias dos espaços da Casa Abrigo (como fonte de expressão e de comunicação), fiz uso da imagem como forma de re-significar a dimensão estética e, também, os “objetos” que habitam os “espaços” e “lugares” na Casa Abrigo. Fiz uso de Hernández (2000), quando afirma que as imagens exercem mediação entre os valores culturais e sobre o contexto social em que vivem as crianças.

A partir do material empírico disponibilizado pelas atividades com as crianças, realizei a análise das recorrências discursivas das crianças no que diz respeito: escola, família, sala de Jogos, sala de TV, Casa Abrigo, medicação, atendimentos, violência e vigilância.

ESPAÇOS PREFERIDOS DAS INFÂNCIAS ABRIGADAS

Escutar o ponto de vista das crianças foi uma forma de vê-los participando da pesquisa. Apresentando uma atitude ativa,

manifestando-se através dos seus pensamentos, preferências e desejos, as crianças, espontaneamente, se engajavam muito bem nas atividades e dinâmicas de relações dentro do grupo, num movimento de afirmação de uns frente aos outros. É importante salientar que, vários encontros foram muito significativos para elas e o pesquisador, como por exemplo: escolhas dos nomes das crianças, brincadeiras em grupo, interação comunicativa com o pesquisador, atividades individuais e em grupo.

Trago a seguir algumas narrativas das crianças participantes da pesquisa a partir do que se chamou “lugares da casa”.

Para tratar de dar voz às crianças sobre o “lugar que as crianças gostariam que tivesse na Casa Abrigo”, sugeri uma produção expressiva fazendo uso de caixas e colagens com materiais diversos. Busquei atender aquilo que aponta Sarmento (2003) quando nos ensina acerca da busca de compreender com mais propriedade as questões sobre o processo criativo e imaginário das crianças, deparei-me com as importantes contribuições do autor quando destaca:

O imaginário infantil, de acordo com a perspectiva que temos vindo a desenvolver sobre as culturas infantis, corresponde a um elemento nuclear da compreensão e significação do mundo pelas crianças. Com efeito, a imaginação do real é fundacional do seu modo de inteligibilidade. As crianças desenvolvem sua imaginação sistematicamente a partir do que observam, experimentam, ouvem e interpretam da sua experiência vital, ao mesmo tempo em que as situações que imaginam lhe permitem compreender o que observam, interpretando novas situações e experiências de modo fantasista, até incorporarem como experiência vivida e interpretada. (p.14)

No entanto, há inúmeros argumentos apresentados por estudiosos da infância, sobre a importância da experimentação, imaginação e ludicidade, que podem ser usadas nas pesquisas com crianças retratando a forma que essas encontraram para satisfazer suas vontades e desejos como processo de interpretação, descoberta e criação de suas impressões frente às pedagogias visuais. Sobre isso afirma Cunha (2007), “as “pedagogias da visualidade” [...] constituem as experiências estéticas, éticas,

modelam a percepção e as relações com o mundo, contribuem na elaboração do imaginário, modelam subjetividades e identidades das crianças” (p.135).

Daí ser relevante destacar como as crianças expressavam seu entendimento do mundo, quais suas preferências em relação ao tema: lugar que as crianças gostariam que tivesse na Casa Abrigo e também, com este material, poder analisar suas justificativas de escolha de trabalho com as caixas.

Questiono sobre a pluralização dos modos de ser criança na Casa Abrigo, e analiso que *lugar* é esse que a criança ocupava. Investiguei que *outros espaços* elas gostariam que houvesse na Casa Abrigo. Entendendo e partindo da premissa que elas são conhecedoras dos seus espaços e capazes de criar, imaginar outros lugares para a Casa Abrigo. Esta foi uma forma de colocar em prática os seus desejos, sentimentos e preferências.

Há que considerar, todavia, que com a possibilidade de as crianças contribuírem para a criação de “outros lugares”, imagens e cenas do cotidiano no Abrigo, estas mostraram que suas *produções culturais, sejam elas quais forem, programam nosso olhar sobre o mundo* (CUNHA, 2007, p.141).

Valendo-me dos estudos dos pesquisadores/as como: Mirzoeff (2003), Hernández (2000) e Cunha (2005) sobre a arte na infância, imagens e culturas visuais, observei o quanto os mesmos contribuíram para minhas reflexões acerca da elaboração da atividade com caixas. Colaboraram para o entendimento de como estas vêem “outros lugares” na Casa Abrigo. Cabe aqui ressaltar que o momento de fotografar as caixas foi também imbricado ao entendimento sobre o que elas pensavam e imaginavam ter em “outros espaços” para a Casa Abrigo.

AS CRIANÇAS PLUGADAS: *LAN HOUSE*: ESPAÇO PARA FALAR NO *CHAT* (JÚNIOR 10 ANOS)

Após a escolha da caixa e dos diversos materiais, as crianças iniciaram a confecção dos seus trabalhos. Ao interagirem com o pesquisador, elas estabeleciam diálogos, negociações com os colegas na escolha dos materiais a serem usados. Assim iniciou-se a conversa com as crianças:

Pesquisador- Qual outro espaço/lugar que vocês gostariam que tivesse na Casa Abrigo?

Júnior (12 anos)- Gostaria que tivesse, aqui, uma sala com computadores. Aqui, os computadores estão estragados.

Pesquisador- Sabes usar o computador?

Júnior- Sim, onde eu morava tinha uma Lan house e eu ia lá todos os dias. Lá eu usava o Orkut e o MSN.

Pesquisador- Você se correspondia com quem no Orkut?

Júnior- Com meus amigos, e até com pessoas amigas de meus amigos.

Pesquisador- Então o teu trabalho será uma sala com computadores?

Júnior- Sim, vou fazer uma Lan House com vários computadores (Fig. 6).

Pesquisador- Você tinha computador em casa?

Júnior- Não ! Mas próximo de casa eu frequentava uma Lan House todos os dias.

Pesquisador- Esse local cobrava o uso do computador?

Júnior- Não. O dono da Lan House era meu vizinho.

(Diário de campo - 06 de Julho 2010)²

Ao basear-me na conversa com o Júnior, deparei-me com o desafio de analisar a infância globalizada da era das tecnologias. Isso me instigou a pensar o quanto as crianças da Casa Abrigo estavam “plugadas” ao mundo digitalizado. Quando me refiro a “plugadas”, isto significa dizer que, em vários momentos nas conversas com as crianças, surgiam questões revelando seus desejos de consumo em possuir um MP3, celulares, computador, Internet, DVDs, *videogames*, *players* de música. Nas brincadeiras, jogos e experiência lúdica observados durante a pesquisa, as crianças e adolescentes remetiam a narrativas de suas vivências na rede de conexões com mídias.

Eis aí o mundo da *ciberinfância*, que mesmo sem a criança ter o poder de adquirir e consumir as novas tecnologias estão imersas numa rede discursiva *que produzem e fabricam os sujeitos infantis* (DORNELLES, 2005, p.93).

Quando Júnior narra o espaço escolhido, faz referências ao seu cotidiano na casa de origem familiar. Isto faz lembrar

2 Utilizarei grifos em itálico nos excertos retirados do material empírico para diferenciar das demais citações.

como os meninos e meninas são capturados pelas pedagogias culturais, emergindo assim uma nova infância “que produz modos e comportamentos, gostos, condutas e certamente, subjetivam as crianças a um determinado modo de ser e viver” (DORNELLES, 2005, p.94).

Cada vez mais crianças e adolescentes vivenciam e participam da constituição da coletividade em ambientes virtuais, apropriando-se da tecnologia digital. Segundo Buckingham (2010), o uso das novas culturas da tecnologia digital na infância ocorre fora da escola e o autor a denomina como *cultura tecnopopular*, ou seja, as crianças usam a mídia digital para seu entretenimento, para jogar *games*, para aprender, para postar fotos, comunicar-se e comprar. Isso nos mostra como as crianças são capturadas a fazerem parte desse mundo digital, não importa se moram em abrigos, em casas com a família ou na rua, em qualquer lugar que vivam hoje, elas são convidadas a participarem do mundo digital.

CANCHA DE BOCHA (LUCAS 10 ANOS)

A partir da pergunta inicial “Qual outro espaço/lugar que as crianças gostariam que houvesse na Casa Abrigo, Lucas faz sua *Cancha* e diz:

Lucas – Meu trabalho é uma Cancha de Bocha. Lembro do lugar onde eu morava. As crianças assistiam ao jogo de bocha. Só os homens poderiam jogar. Eles apostavam no jogo dinheiro e cervejas. As mulheres assistiam ao jogo e tomavam cervejas.

Pesquisador - Por que crianças não poderiam jogar bocha?

Lucas- Porque o jogo de bocha é só para adultos e crianças não poderiam jogar. Aqui no Abrigo poderia ter sala de bocha porque a polícia não pega.

Pesquisador- Como assim?

Lucas- Onde eu morava a polícia estava sempre passando perto do local do jogo de bocha e as crianças corriam quando o carro de polícia passava.

Pesquisador- As crianças tinham medo da polícia?

Lucas- Sim. A polícia não deixava as crianças assistir o jogo porque tinham pessoas bêbadas. Aqui no meu trabalho eu coloquei um homem bêbado. Às vezes no bocha havia briga de homens. Temos

medo da polícia porque ela está sempre no bairro e prende as pessoas. (Diário de campo – 06 de julho de 2010)

Foram muitas as questões que o Lucas expressa através do seu trabalho, quando se refere a situações vividas quando morava com a família. A sua fala é constituída pelo repertório cultural que traz de seu convívio junto às outras crianças, onde o brincar era olhar o jogo de bocha³. Mostra-nos como é a “vida da rua”, com suas atividades realizadas diariamente nos bairros das periferias de Novo Hamburgo. Mostra a caracterização da sua cultura local, os traços próprios do contexto onde ele esteve presente por meio de suas narrativas, ao lembrar as experiências de mundo vividas em seu bairro. A partir do que é apontado no relato citado por Lucas, acredito ser importante analisar algumas questões: em primeiro lugar, nas vilas e bairros populares é muito comum encontrar bares e botecos abertos durante a semana, onde há jovens e adultos sentados em bancos em frente a estes espaços, muitos deles não exercem atividades laborais semanais. Lucas, ao trazer fatos acontecidos na sua infância fora do abrigo, coloca questões referentes ao *jogo de bocha* como lugar desejado e preferido na Casa Abrigo.

Em segundo lugar, cabe ressaltar que há um grande entendimento e conhecimento desta criança com a sua cultura local e dela com seu mundo infantil. Nas argumentações de Lucas, ao justificar a criação de seu trabalho “Sala de Bocha”, foi apresentado o como se constituem e como se comportam os adultos, homens e mulheres, nos lugares sociais que faziam parte de sua cotidianidade. Nos apresenta esse espaço de convívio no bairro como um lugar *errado*, fora da ordem, por ser assim reconhecidos como tal; mostra como neste lugar, os que dele fazem parte ou participam desse jogo, são pessoas que vivem fora da *norma*, que se portam inadequadamente, se diferenciam dos outros e passam a ser parte do grupo dos que são considerados de comportamento e posturas sociais *normais*. De certa forma, a norma funciona também como

3 A Bocha é um jogo cuja versão atual consiste em arremessar bochas (bolas) de madeira, metal ou resina sintética em direção a uma pequena bola denominada bolim, balim ou jack, sobre uma cancha, objetivando aproximar-se o máximo possível do “bolim” (pequena bocha). Será considerado vitorioso o jogador ou a equipe que somar o maior número de pontos, pontos esses atribuídos de acordo com a perfeição das jogadas. A Bocha é praticada em uma cancha (ou quadra), que pode ser de terra, de saibro ou material sintético, cercada por bordas de madeira. (Mazo & Rizzuti In: DaCosta, 2005, p. 390).

medida comum que permite que cada um pense o seu valor, sua identidade e lugar respectivo no interior da sociedade.

Quando Lucas disse: “homem bêbado”, ele quis claramente retratar sobre as suas histórias de vida. Da mesma forma, as proposições apresentadas por ele, reforçam o não reconhecimento do sujeito “bêbado” e das “mulheres que tomam cervejas”. Isto é, as culturas das pessoas que moram nas vilas e bairros de periferia são inscritas pela anormalidade e pela exclusão social.

Em outras palavras, ensina-nos Foucault (2001) que a noção de normalidade atravessa os discursos das políticas de inclusão e das pedagogias especiais. Ao discutir o conceito de anormalidade, entendo como a anormalidade é construída, como o outro é narrado e representado pelo discurso do colonizador em uma rede de saberes e poderes. A partir deste conceito “normal ou anormal”, se pode observar que Lucas, ao tratar de expressar na atividade com caixas o seu lugar preferido, mostrou-nos seu entendimento de que aquelas pessoas eram “malquistas” pelos demais. Afirma, também, que estas pessoas precisavam ser corrigidas para poderem ter as crianças por perto, ou seja, que as crianças só podem ficar por perto das pessoas de bom comportamento moral, ou ainda, aqueles que não bebem e nem jogam.

Em terceiro lugar, Lucas, dizia: *Às vezes na bocha havia briga de homens*, e também: *Temos medo da polícia porque ela está sempre no bairro e prende as pessoas*. Por suas falas, a briga de homens e o medo da polícia sustentam a ideia de uma cultura do mundo moderno, em que a violência e a polícia se constituem na ordem do governo de corpos de sujeitos e de vigilância da população, como nos ensina Foucault.

A prática do jogo de bocha aparece também como espaço de sociabilidade e reforça a integração entre os homens da comunidade. É bem verdade que, de algum modo, na nossa sociedade, há tarefas e jogos naturalizados socialmente como “brincadeiras de crianças”, “jogos de homens”, “jogos de mulheres” que se produzem e são produzidos envolvendo os distintos sexos.

A QUADRA COBERTA (CARLOS EDUARDO, 16 ANOS)

O espaço preferido de Carlos Eduardo foi a criação de uma “Quadra Coberta”, isso me ajudou a conhecer melhor a sua

história de vida, principalmente o seu interesse pelo futebol. Em suas narrativas destaco: “Escolhi fazer a quadra de futebol com teto solar, pois já assisti futebol na TV, onde o teto era solar”. Na sua percepção, Carlos Eduardo revelou conhecer a caracterização de um Estádio coberto, o qual relacionou com suas vivências, com o seu cotidiano antes de morar na Casa Abrigo. O adolescente fez referência ao assunto:

Gosto muito de futebol e sei para ser um bom jogador tem que ter atitude, esperteza, cooperar, respeitar os adversários. Gostaria muito de ser um jogador de futebol, mas o meu tempo já passou”. (Diário de Campo- 17/09/2010).

Há ma expectativa nas crianças, quando se fala em futebol. Penso que a cultura de muitas crianças é tecida num ambiente onde se joga futebol, o qual, muitas vezes, é em locais próximos onde as crianças moravam. Observo que os jogadores de futebol dos times brasileiros são referências para muitas crianças e adolescentes. A verdade é que a arte de jogar já faz parte do cenário de nossas infâncias. Desse modo, Florenzano argumenta:

Jogador de futebol em nossa terra já nasce feito, o que, em outras plagas, não se vê. Enquanto em nossa terra um garoto de dez anos já é um exímio controlador de pelota (...), em outros países, mormente, os da Europa, os craques são ‘fabricados’, isto é, lhes é ensinada a arte futebolística como se a mesma fosse uma matéria qualquer. (1998, p. 10-11)

Desde cedo, a criança brasileira já vê a produção de craques através da TV⁴, em que são divulgados contratos milionários desses atletas, assim elas são capturadas por esse discurso e desejam ser um

4 A Rede Globo de televisão, através do Jornal Nacional, apresentou, durante cinco dias da semana, uma reportagem homenageando os profissionais de futebol. Na matéria, mostravam cenas de crianças, na sua maioria a partir de dez anos, que buscavam vaga nos times sub-13, em diversas regiões brasileiras. Nas imagens as crianças faziam testes para “atacantes”, “goleiros”, “lateral”, “zagueiro” e “meio campo”. No final da matéria, o repórter Tino Marques deixa a seguinte afirmação: Muitas das crianças planejam ser um craque do futebol, mas muitas delas, da reportagem, ficarão pelo caminho. (Esta reportagem foi ao ar do dia 23 a 27 de maio de 2011).

campeão, principalmente aquelas menos favorecidas socialmente. Eles se vêem nesta atividade uma possibilidade de sucesso e ascensão social, tal como acontece na vida de seus craques. A criança e o adolescente brasileiros aprendem muito rapidamente o uso da bola com os pés.

Carlos Eduardo, como tantos outros adolescentes, adora um estádio de futebol. Em sua fala de Carlos Eduardo, assim como na de Marcos, pude observar as suas afeições por uma bola, um time, um Estádio e, principalmente o desejo em assistir a um jogo de futebol. Até porque, para grande parte das crianças abrigadas, a bola é um dos brinquedos mais usados nas brincadeiras livres, exercidas no pátio do Abrigo. Ou melhor, elas dizem que o futebol é uma das atividades que mais gostam de brincar, principalmente quando vão à pracinha próxima ao Abrigo. Carlos Eduardo, quando fala sobre o seu trabalho Quadra Coberta, também disse: *Onde eu morava assistia os jogos de futebol – peladinhos de rua*, aonde várias pessoas de outros lugares vinham jogar. Tomando para si a cultura de assistir a jogos de futebol no seu bairro, Carlos Eduardo relembra sua vida cotidiana, a sua história de vida quando morava na Vila dizendo: *Gostava muito da Vila onde eu morava*.

As narrativas de Carlos Eduardo nos mostra de algum modo, o que é ser criança e adolescente hoje, pois viver essa infância e adolescência às vezes as coloca no lugar de excluídos de seus sonhos, desejos e expectativas.

Posso afirmar a partir de minha investigação nessa pesquisa de mestrado que ouvir as vozes das crianças e adolescentes foi uma das maneiras de conhecê-los e, também, contribuir com as discussões que propus acerca da pesquisa com crianças. Observando as crianças durante a pesquisa, destaco também a ausência de infraestrutura (pátios) para o seu lazer, e para minimizar esta situação as crianças improvisam e recriam os espaços lúdicos e esportivos na Casa Abrigo. Espaços para brincar de futebol, para jogar com joguinhos pedagógicos, para assistir à TV. Para elas, estes espaços devem ser lugares prazerosos e cheios de vida.

Como pesquisador, tentei a todo o momento do trabalho compreender as narrativas das crianças, entender a criação de seus espaços preferidos na Casa Abrigo e no que elas pensavam e lembravam dos seus mundos particulares. Dar voz às crianças pesquisadas, emocionou-me no momento de ouvir as gravações

realizadas, exigindo cada vez mais a minha atenção. Fui capturado, contagiado pelos relatos de crianças e adolescentes abrigados quando das atividades da pesquisa. Mas o difícil mesmo foi tentar, posteriormente, cruzar e entrecruzar as suas narrativas com e as diferentes teorias escolhidas na construção da dissertação. Dar voz às infâncias abrigadas significa e significou, nessa pesquisa, dar uma contribuição na busca de descentralizar o ponto de vista do adulto, tê-las como protagonistas deste estudo, concebendo-as em seus modos de ser sujeito infantil.

FOTOGRAFANDO O ESPAÇO QUE AS CRIANÇAS GOSTAM NA CASA ABRIGO

Entendo que o exercício de captar, de reter imagens através da fotografia e de ter a capacidade de narrá-la é uma forma pela qual as experiências das crianças se apresentaram, principalmente porque elas conhecem bem os espaços, os lugares do Abrigo, nas suas vivências cotidianas neste lugar. Através das fotografias tiradas pelas crianças, busquei conhecer melhor as suas impressões acerca do seu cotidiano na Casa Abrigo. A escolha do seu "lugar preferido na Casa Abrigo" auxiliou-me na compreensão das relações entre as crianças, seu mundo infanto-juvenil, suas práticas culturais movidas pelas memórias de infâncias.

Através das fotografias eles refletem os signos engendrados de sentidos à espera de interpretações. Pelas fotos apresentadas pelas crianças, é como se as imagens, cheiros e sons, estivessem reunidos em algum canto de suas vidas, se dando na forma de acontecimento. Assim, a fotografia é concebida no processo de "cartografar" o território pesquisado⁵, possibilitando que, por meio desta cartografia, as crianças pudessem encontrar seus objetos pessoais em cantos preferidos. As fotografias mostradas nesta pesquisa são, na verdade, um convite à releitura de como a criança vê a sua territorialidade⁶ e espaços da infância abrigada. Cada criança escolheu seu lugar predileto e o fotografou. Conversando

5 É preciso ressaltar que cartografar é tratar bem mais de um modo de discussão e de elaboração que visa dimensionar, redimensionar, criar e recriar os efeitos do encontro do sujeito com o objeto". In: inspiracaocartografica.blogspot.com/2010/04/do-diario-de-campo.html. Acesso em 18/06/2011.

6 Entendo que "o território representa um local que fundamentalmente abrigará uma ou algumas identidades na sua flexibilidade cultural". In Carla Holanda da Silva, 2009.

**sobre a atividade “Fotografando o lugar preferido da Casa Abrigo”,
elas assim se manifestaram:**

Acho que vai ser legal tirar fotografias na Casa Abrigo (Marcos, 9 anos). Eu nunca tirei fotografias, mas acho que saberei usar essa máquina. Vou tirar fotografia do quarto das meninas. (Taís, 9 anos). Mostrei a máquina digital e expliquei como tirar uma fotografia e depois olhar a foto tirada (pesquisador). Vocês podem escolher um único lugar preferido para tirar a fotografia. Podem olhar a fotografia tirada, e se não gostarem, podem tirar outra foto (Pesquisador). A minha foto eu vou mostrar para a diretora da escola (Lucas, 10 anos). A gente vai poder olhar as fotografias tiradas pelos colegas? Sim. Após, todos vocês escolherem o lugar preferido e tirar a fotografia, poderemos mostrá-las através do notebook, onde cada um, se quiser, poderá falar sobre o seu “lugar preferido na Casa Abrigo” (Pesquisador). A gente vai fazer uma exposição das fotografias e mostrar para as pessoas? (Eduardo, 16 anos). Sim. Poderemos organizar uma exposição. Antes, vou falar com a diretora da Casa Abrigo (Pesquisador). (Diário de campo- 03/09/2010).

Do ponto de vista das crianças e através de seus relatos, percebi a sua empolgação e desejo em fazer a fotografia. Tomo a fotografia na pesquisa como mais uma das narrativas de pesquisa, remetendo para o contexto social dos lugares preferidos das crianças abrigadas. Penso que as fotografias tornaram-se uma estratégia possível para fazer emergir os valores e significações das vivências que permeiam o cotidiano dessas crianças. Articular a minha pesquisa com as imagens fotográficas foi outro modo de ver a Casa Abrigo, visto que do olhar das lentes fotográficas escolhidas pelas crianças poderia, quem sabe, entender como elas se sentem neste lugar.

MEU DORMITÓRIO (TAÍS 9 ANOS)

A fotografia escolhida por Taís denomina-se de “Meu Dormitório”, como o seu lugar preferido na Casa Abrigo. É possível imaginar um quarto de menina? Que lugar é esse? A menina Taís, em sua narrativa, apontou esse espaço como *um lugar das meninas*

que está sempre organizado. O quarto infantil, especialmente o desta menina, é narrado como um quarto que deva ser um lugar bonito, digno de admiração de quem o vê, então:

Escolhi fotografar o quarto das meninas, "meu dormitório, porque é um lugar que está sempre organizado. A minha cama é a debaixo no beliche. Sempre quando acordo, arrumo a minha cama. Aqui, todos arrumam a sua cama. É regra deixar a cama arrumada. (Diário de Campo-01/10/2010)

Parece que os sentimentos de infâncias construídos pela modernidade não escapam às vivências das crianças institucionalizadas. Taís, através da sua fotografia "Meu dormitório," diz:

No quarto que morava com minha família tinha rádio, TV e computador. Mesmo assim, gosto do meu quarto. Gosto da boneca na porta do quarto, que identifica o dormitório das meninas.

O Pesquisador perguntou: Se alguém trocasse o colchão ou o esquadro da cama, você reconheceria? Taís respondeu: - Sim. Reconheceria, porque a minha cama tem uma madeira quebrada. Reconheço também a minha cama pelo pijama que deixo em baixo do travesseiro. Moro aqui há uns 5 ou 6 meses, e eu gosto daqui. (Diário de Campo- 01/10/2010)

Há vários elementos relevantes nessa narrativa. Inicialmente, gostaria de tratar daquilo que a fotografia de Taís me faz pensar. O dormitório das meninas da pesquisa não está em qualquer lugar, em qualquer casa, em qualquer cena. Este "quarto de meninas" está na Casa Abrigo. Diria que a fotografia de Taís apresenta uma imagem de "pureza" (a boneca na porta), "infantilidade" (menininha com ar pueril) e "serenidade" (cores que aparecem no lençol e cobertas).

É interessante observar que num lugar de passagem, onde parece que nunca tu podes ter alguma coisa que seja só tua, que o identifique como teu, Taís nos ensina que era capaz de reconhecer a "sua cama", mesmo que houvesse uma troca, uma mudança de lugar onde fica sua cama. Taís afirma que a identificaria. Isso me faz

pensar que as crianças abrigadas, mesmo sem haver identificação dos seus pertences, seja cama, armário de roupas, sinalizam com uma “marca pessoal”, capazes de associar os objetos com a sua identificação pessoal.

Gostaria de destacar algumas questões referentes às narrativas de Taís sobre o “quarto de meninas”. Quando ela fala sobre o seu dormitório, assim o apresenta: “é um lugar das meninas que está sempre organizado”, mostra características naturalizadas desde a infância das meninas, ou seja, cabe a elas por serem meninas, a “obrigação” de serem “organizadas”, “delicadas”, “quietas”, “obedientes” e meigas. Como ela fala: “Já os meninos não são organizados! Eles deixam os pijamas fora da cama”. Para ela as meninas são organizadas, diz isso de um modo como se o menino não pudesse ter esse comportamento. Nos mostra aqui o efeito da cultura da feminilidade, que lhe foi constituído desde muito cedo. Taís nos ensina que esse padrão de comportamento de a menina *ser organizada* é o que se espera de uma atitude feminina, como também compete às meninas serem mais responsáveis, dedicadas, estudiosas, interessadas, sensíveis, atentas.

SALA DOS REMÉDIOS (MARCOS, 9 ANOS)

A Casa Abrigo utiliza-se de algumas estratégias, para manter as crianças calmas e normais. No entanto, há uma necessidade da utilização de remédios para corrigir os corpos infantis. Há um grande investimento da instituição nos medicamentos para as crianças e adolescentes em situação de abrigamento. Pode-se dizer que o tratamento da criança é atravessado por diagnósticos, validados por médicos e psicólogos. Em suas narrativas, Marcos (9 anos) nos mostra como ele é “corrigido” através da medicação, quando fala de sua fotografia a “sala dos remédios”, ele comenta:

Escolhi tirar esta foto “sala dos remédios” porque o remédio é importante. Pesquisador- Quando ficas agitado? Ele responde: é quando a gente briga, faz bagunça. Às vezes brigo aqui com as tias e os colegas. As tias me dão remédio. Antes de vir para o abrigo, não tomava remédio. Fiquei agitado depois que vim para cá. Estou aqui um ano e dois meses. Pesquisador- Quem te

disse o tempo que estás aqui? A tia Eliete. Gosto daqui. É legal brincar com os colegas. Escolhi também tirar essa foto por causa do palhaço, que é muito engraçado. Tenho atendimento no centro, no prédio amarelo. Gosto do atendimento com a psicóloga. Lá eu brinco e converso com ela. Na escola às vezes não fico calmo e bato nos colegas. (Diário de Campo-08/10/2010)

As narrativas de Marcos me fazem pensar inicialmente, no modo como eu o conheci na escola. Uma criança agressiva, agitada, que tentava bater na professora, com baixa autoestima. Ele, naquele momento, reagia com força, manifestando raiva da professora, dos colegas, da turma. Diariamente conversávamos permitindo que Marcos se adaptasse às normas sociais e ao disciplinamento através das regras da escola. Conversávamos sobre as suas relações com os colegas e a professora e sobre sua rejeição por parte dos colegas. De fato, naquele momento, se instaurava a minha pesquisa com crianças abrigadas.

Numa outra direção, diferente das fotografias de seus colegas, as narrativas de Marcos sobre o seu espaço preferido “sala dos remédios” me instiga quando ele diz:

Tomo remédio para me acalmar. Tomo remédio de manhã, na hora do almoço e na janta. Tomo remédio para me acalmar. Sou muito agitado, mas gosto de ser calmo. (Diário de Campo-08/10/2010)

A ênfase dele em tomar remédio para se acalmar, mostra que ele sabe que está fugindo dos princípios normativos, daqueles que dizem que todas as crianças devem ser calmas, não podem ter descontrole emocional, nem comportamento hostil, ou ter oscilação de humor, pois tudo isso escapa e o coloca no lugar da “anormalidade”.

Convém salientar que o ‘poder normalizador’ é exercido sobre o “homem-espécie”, com a necessidade e uma preocupação pelo bem-estar e pela regulação da população, de forma a poder utilizá-lo como “máquina para produzir riquezas, bens, outros indivíduos”, (Foucault 2002, 246). A medicação pode ser considerada como um mecanismo regulador do corpo de Marcos e age de forma a torná-lo dócil. Seguindo esse raciocínio, Lockmann afirma que:

[...] é necessário entender que o saber médico ocupa um espaço de legitimidade e de cientificidade e que, quando produz um diagnóstico sobre um sujeito, também está, ao mesmo tempo, produzindo determinadas verdades sobre eles. (2010, p.70).

Dessa forma, a ciência médica está autorizada a corrigir os sujeitos através da medicação e, assim, fazê-lo para escapar da anormalidade.

Nessa perspectiva, justifica-se a importância de normalizar as crianças através da medicação, podendo esta ser considerada como um instrumento, ou um mecanismo que visa padronizar todas as pessoas como calmas, normais, com o propósito de normalizar suas condutas e assim adequá-las às normas, às regras, ao disciplinamento.

Desta forma, é importante pensar em Marcos, em seu "assujeitamento" ao ter que tomar os remédios, tendo em vista que ele está fora dos padrões de comportamentos "normais". Assim, essa criança passa a ser desviada dessa normalidade, quando foge das regras, das normas, da disciplina, do controle. Capturados nessa nova invenção de infância, Dornelles (2005) contribui quando sublinha que:

[...] a invenção da infância implica a produção de saberes e "verdades" que têm a finalidade de descrever a criança, classificá-la, compará-la, diferenciá-la, hierarquizá-la, excluí-la, homogeneizá-la, segundo novas regras ou normas disciplinares. Impõe-se sobre a infância uma ordem normativa que lhe dá uma determinada visibilidade, tendo em conta que "o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam os efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam" (p.19).

Ao classificá-la, excluí-la, homogeneizá-la a Casa Abrigo coloca as crianças numa nova ordem, narrando-as como diferentes, conduzindo-as aos especialistas - psicólogos e psiquiatria - com o

objetivo principal de serem diagnosticadas, medicadas, tratadas e assim, acalmadas.

Dessa forma, a Casa Abrigo faz um exercício de normalização das crianças abrigadas, capturando-as por uma 'tecnologia de poder centrado na vida', passando a ser alvo de medicalização da infância⁷.

Muitas das substâncias químicas usadas pelas crianças da Casa Abrigo são indicadas por receituários médicos, por eles é prescrita a "Ritalina", considerada, por muitos, a "droga da obediência"⁸, sendo recomendado principalmente para crianças hiperativas e também para terapia cognitivo-comportamental. Segundo Luengo (2010, p.76), "atualmente, não é raro encontrar em mochilas escolares uma caixa de Ritalina dividindo o espaço com o lanche, os cadernos e as canetas, dando-nos a impressão de que, naturalmente, fazem parte do material escolar. Logo, essa medicação, entre tantas outras, se enquadra na população infantil que deve ser cuidada e controlada, para correção de atitudes infantis, tais como: hiperatividade, agressividade, indisciplina, falta de atenção, tornando-os como desviantes do padrão instituído pela escola, Casa Abrigo, dentre outras instituições.

ARMÁRIO DAS MINHAS ROUPAS (MARLON, 8 ANOS)

Quando as crianças chegam a Casa Abrigo, muitas delas trazem apenas a roupa do corpo. Marlon (8 anos), por exemplo, trouxe 'poucas roupas de casa'. Na sua fotografia, podemos ver que ele elegeu, como seu espaço preferido, o "armário das minhas roupas". Pois é lá que: "No armário tenho minhas roupas e o da minha irmã. Aqui, ninguém pode mexer nos armários dos colegas. A gente não bagunça o armário". É ali que se encontra um dos poucos lugares

7 Sobre a medicalização na infância, Luengo (2010), em seu livro *Vigilância Punitiva*, afirma que: "a medicalização da infância veio como consequência da higienização e, nesse sentido, educação e saúde se uniram como elemento inseparáveis na implantação de um programa de normalidade e moralização, que visava manter um forte pilar social - a ordem - pelos bons hábitos. Desde então, a educação passou a ser alvo do poder médico, consequência de toda uma história envolta nos preceitos higienistas e eugenistas" (p.45).

8 A "Droga da Obediência" é considerada uma anfetamina receitada por médicos e especialistas para deixar as crianças mais calmas, centradas, obedientes. É um estimulante utilizado para melhorar os níveis de atenção. É muito interessante os depoimentos de pessoas e especialistas sobre o uso dessa medicação. Site: [www.youtube.com/uso "de Ritalina para turbinar o cérebro"](http://www.youtube.com/uso%20de%20Ritalina%20para%20turbinar%20o%20c%C3%A9rebro).

que pode ser considerado seu, e que ninguém tem acesso.

Na narrativa sobre sua fotografia ele diz:

Marlon- Trouxe poucas roupas de casa. A tia Eliete é quem dá as roupas. Quando a roupa está rasgada a tia troca por outra. Adoro ficar organizando as minhas roupas. O armário é pequeno, mas cabem as minhas roupas. Hoje mesmo a tia me deu uma roupa quando saía do banho. Posso falar sobre essa parte da Casa? Indagou Marlon. O pesquisador disse que sim. Marlon- Aqui é chato, tem colega que me bate. A Tia [...] é braba. Ela deveria xingar um colega que bateu na minha irmã, e não fez nada. Aqui os computadores estão estragados. Há jogos faltando peças. Essa sala poderia ser mudada. As janelas são feias, tem torneiras pingando. Mas aqui é legal! Faz tempo que estou aqui. Minha avó vem nos visitar. Meus pais estão na droga, viviam na rua e nos deixavam em casa, sem comida, sem escola. Meus avós é que nos criou. Tenho muita vontade de voltar a morar com minha avó. (Diário de Campo-15/10/2010)

Analisar, problematizar o que é narrado por Marlon, exigiu primeiramente, entender as múltiplas questões apresentadas por ele, no que diz respeito ao seu espaço preferido “armário de roupas”. Esse espaço constitui um traço apresentado pelas culturas do mercado, ou seja, as crianças precisam ter um espaço seu, onde possam guardar os seus bens, os seus brinquedos, as suas roupas. Observei, todavia, que em seu armário há pouco lugar para se guardar outros objetos, pois é um armário pequeno, sendo dividido entre ele e sua irmã. Mesmo assim, manifestou sua escolha como lugar predileto quando disse: “Adoro ficar organizando as minhas roupas. Além disso, ele fez referência que deve ser organizado e não fazer bagunça, pois “se bagunçar a tia xinga”. Observo o quanto essas crianças vivem numa ordem disciplinar e de organização, evidenciadas nos diversos mecanismos de um controle coercitivo existente na instituição.

Pelas palavras de Marlon, a Casa Abrigo pode ser considerada como um lugar de “correção” de exercício de um poder disciplinar sobre as crianças e de controle dos seus objetos, sustentados como instrumentos de sujeição e de normalização. Para Foucault (2002),

“a sociedade de normalização vai do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante a instauração dessas duas tecnologias, disciplinar e regulamentadora” (p.302).

Entendo que o fato de Marlon questionar o pesquisador se poderia “falar sobre essa casa”, no gravador, diz respeito em querer que sua fala seja ouvida. Com isso ele percebeu que poderia desabafar, dizendo: *Aqui é chato, tem colega que me bate*. Essa ação de desabafo de Marlon simboliza a sua indignação pelo modo como, às vezes, ele não é ouvido. E a partir daí, ele se empolga e começa a falar as coisas que ele considera errado na Casa Abrigo, como: *tem colega que me bate. A Tia... é braba. Ela deveria xingar um colega que bateu na minha irmã, e não fez nada*. Pergunto: onde está o direito da criança de proteção, de participação. Entendo que o adulto, o monitor, o cuidador da Casa Abrigo deva ter a capacidade de escuta, de observação dessas crianças, organizando sua participação, atento aos seus desejos, anseios e a sua voz. Como afirma Prout (In: Müller, 2010), “Parece preferível, pelo menos no momento, perceber o ter voz como um avanço sobre ser silenciado ou ignorado” (p.36).

Ao transcorrer sobre as diferentes questões apontadas por Marlon, gostaria de discutir o que ele afirma: *Meus pais estão na droga, vivem na rua e nos deixavam em casa, sem comida, sem escola*. Nesse diálogo, podemos notar que Marlon tem muita clareza da vida de seus pais que “estão na droga”. Da forma como se expressa, ele parece compreender o que significa a realidade do mundo das drogas.

Em suas narrativas, Marlon e outras crianças da Casa mostram que sua família, seu referencial, suas raízes culturais, éticas e étnicas se perdem, quando são capturados pela instituição abrigo, abrindo espaços para outros olhares, diversos e transitórios. Essa afirmação fica visível em seus relatos durante a pesquisa, principalmente nas suas referências à família, ao lar, aos seus espaços de brincadeira quando moravam com suas famílias. Marlon pensa restabelecer sua vida com sua família, na relação afetiva com sua avó. Isso mostra a singularidade da presença da avó. Segundo Ramos (2011), muitas avós são cuidadoras em convivência assídua com seus netos, o que lhes possibilita a criação de vínculos mais fortes, que são permanentemente reforçados pelo cotidiano. Por isso a proximidade muitas vezes pode revelar uma proximidade afetiva. Contudo, algumas preferências também podem vir de longe. Embora

a proximidade residencial seja um fator importante, que possibilita o maior contato entre as gerações. (p.160-161).

Assim, a avó cuidadora de Marlon é o que ele espera para seguir o seu percurso de vida quando sair do Abrigo. Ele lembra saudoso e com alegrias quando recebe a sua visita. Pelo que expressa Marlon, de apenas oito anos, espera com alegria, a visita semanal da avó querida, na esperança de irem (ele e a irmã) morar com ela.

Dessa forma, as narrativas de Marlon me fazem pensar sobre o ambiente físico da Casa Abrigo, seus espaços, as suas relações com os colegas, monitores, interligados a sua vida social, dentro e fora do Abrigo, bem como, os valores, sentimentos, crenças e padrões de comportamentos de alguns profissionais da Casa. Marlon me ajudou com suas narrativas a entender as dinâmicas, as estruturas dos espaços usados pelas crianças da pesquisa.

As impressões das crianças da Casa Abrigo, através das fotografias, mostraram que elas valorizam os vários espaços dessa instituição, projetadas pela aproximação delas com os espaços da casa, com os colegas e monitores. Percebi também que as fotografias apontavam para um modo de pertencimento ao grupo – o da Casa Abrigo, e o reconhecimento de todos os espaços como “espaços preferidos”. A produção das fotografias das crianças da pesquisa me permitiu ver que, através de cada imagem, havia “algo de si”, de cada integrante da pesquisa, onde havia correlação da fotografia com o seu mundo externo, vivido antes de entrar para a Casa Abrigo.

O uso da fotografia em pesquisas mostra que os participantes estão implícitos nas suas próprias fotos, na qual o pesquisador passa a ver os participantes através dos seus olhos. Além disso, a fotografia na minha pesquisa propiciou às crianças, aos adolescentes uma oportunidade de mostrarem a Instituição abrigo, numa outra perspectiva, em diferentes aspectos, o seu *lugar preferido* através de um instrumento extremamente acessível, como foi o do uso da máquina digital.

CONSIDERAÇÕES QUE NUNCA CHEGAM AO FINAL...

Considerar a voz das crianças nessa pesquisa, não apenas nos seus ditos, mas também nos exercícios realizados através

das fotografias. Com elas crianças e adolescentes puderam criar com um outro olhar os lugares para a Casa Abrigo. Isso fez com que eu, pesquisador, conhecesse melhor a multiplicidade de sentidos que elas dão aos seus espaços, aos seus colegas, às pessoas da Casa, às suas sensibilidades, às suas tristezas e alegrias. Em outras palavras, as linguagens, a ludicidade e as narrativas das crianças me fizeram pensar nas muitas crianças em situação de abrigamento e o quanto, por muitas vezes, lhes são negados seus direitos de falar e de serem escutadas, principalmente nas suas relações com os seus cuidadores.

A experiência com crianças abrigadas, principalmente sobre as suas impressões, permitiu-me entendê-las nas suas concepções sobre o espaço que é o da Casa Abrigo. Entender suas relações afetivas e sentimentos, como também, o seu dia a dia de criança ou adolescente aprisionado em um abrigo.

Sem talvez nunca concluir, cabe ressaltar que as impressões das crianças da instituição pesquisada manifesta nas conversas, nas observações, nos seus trabalhos, apresentaram, também, a cumplicidade espontânea entre pesquisador e abrigados que falaram sobre experiências, sentimentos, com muita sensibilidade. É como se cada criança estivesse reinscrevendo suas histórias através de suas impressões sobre a sua nova/velha casa institucional a - Casa Abrigo.

As horas de convívio com crianças e adolescentes da pesquisa, possibilitaram um enredamento entre informações e dados de uma experiência individual e coletiva, de si e do outro. As crianças, ao se apropriarem dos espaços e lugares escolhidos para compor a pesquisa, criaram seu território, tornaram-se produtoras, interessadas, sensíveis e nas suas falas os “enunciados[supunham] singularidades” (SILVEIRA, 2005), ao construírem com seriedade os seus espaços preferidos da Casa abrigo.

Nesse sentido, as crianças contribuíram para que pesquisadores levem a termo a escuta e a voz de crianças e adolescentes em suas futuras pesquisas com crianças e com infâncias. A partir dessas considerações, quero fazer minha homenagem às crianças da pesquisa, considerando,

principalmente, as minhas percepções, observações, conversas e, principalmente, minha relação com elas durante quase cinco meses em convívio semanal. Enfim, vou “fechar provisoriamente” esta pesquisa, considerando tudo que foi dito, a partir do entendimento que Dornelles (2005) denomina sobre as infâncias, pois busquei olhá-las com outros olhos, outras lentes, principalmente com os olhos de criança para:

[...] olhar para estas infâncias, quem sabe, com os olhos cheios de vida que queremos para todas as crianças, porque só as crianças conseguem espelhar a vida no seu olhar. Olhar talvez com os olhos de gato de um dia, um gato, do filme tcheco: olhar as infâncias com óculos dos sonhos infantis. (p.102)

VIEWS OF CHILDREN: RESEARCH WITH CHILDREN

ABSTRACT

I will discuss in this article, about the research that deals with the ways children are produced and constituted from their own histories, places, times lived in a foster care environment. I've carried out a study about the daily “wars” lived by children at the Foster Home, such as the absence of the family, social vulnerability, restrained freedom, doubts about the time at the foster home. The research carried out with fostered children brought me to two questions: How is childhood produced at the Foster Home? What are the children's impressions about the foster home environments where they live with other children? The study includes children from 5 to 12 years old in the city of Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brazil. The kids' participation has instigated me to use methodological instruments that encourage the children's creative and imaginative process, their interpretations and impressions about the Foster Home. Through their narrative, it was possible to bring out the experiences they have lived at the Foster Home. Theoretical support is found with Foucault, Dornelles, Cunha, Sarmento, Trevisan, Mirzoeff, among others. As a result of this study, I understand that the constitution of *sheltered childhoods* is influenced by discourses of the most diverse types, including discourses about the control, gender, sexuality, power, values, discipline and regulations.

Keywords: Children's foster home. Infancy. Disciplining.

REFERÊNCIAS

BUCHINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. IN: *Revista Educação e Realidade* v. 35, n.3, set/dez p.37-58, 2010.

CUNHA, Vieira da Susana Rangel. Pedagogias de Imagens. In: DORNELLES, Leni. *Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância*, 113-145. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. *Desenhos de meninos e meninas: relações entre imaginário e gênero*. In: *Educação e Cultura Visual: Uma trama entre imagens e infância*. (tese de Doutorado). Porto Alegre: PPGEDU, Faculdade de Educação, UFRGS, 2005.

DORNELLES, Leni Vieira. (Orgs), *Apresentação-Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância*. 7-17p. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007,

_____. *Infâncias que nos Escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005

FLORENZANO, José Paulo. *Afonsinho & Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa, 1998, p.10-11.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Trad.Jussara H. Rodrigues, Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

LOCKMANN, Kamila. *Inclusão Escolar: Saberes que operam para governar a população*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 196f. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LUENGO, Fabíola Colombani. *A Vigilância Punitiva: A Postura dos educadores no Processo de patologização e Medicalização da Infância*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 142 p.

MAZO, Janice & RIZZUTI, Elaine. Bocha. In: DACOSTA, Lamartine (org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005, p. 390-392.

MIRZOEFF, Nicholas. *Uma introducción a la cultura visual*. Barcelona: Paidós, 2003.

PROUT, Alan. Participação, políticas e as condições da infância em mudança. In: Müller, Fernanda (org.) *Infância em perspectiva: políticas, pesquisa e instituições*. São Paulo: Cortês, p. 36, 2010.

Olhares da(s) infância(s)... - Antônio Genivaldo Silva Feitosa

_____. *Reconsiderar a nova sociologia da infância*. Braga: Universidade do Minho; Instituto de Estudos da Criança, 2004. (Texto digitado).

RAMOS, Anne. *Termo de Consentimento do Pré-projeto de pesquisa de Doutorado em Educação*. UFRGS/FACED/ Pós-Graduação em Educação, 2010. (Digitado).

_____, *Meus Avós e EU: As relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças*. Porto Alegre: UFRGS, 2011. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *Culturas Infantis e Interculturalidade*, p.19-40. In: DORNELLES, Leni Vieira. *Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. SOARES, Natália Fernandes, TOMÁS, Catarina. *Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças*. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal. Sixth International Conference on Social Methodology Recent Developments and Applications in Social Research Methodology Amsterdam, 16-20 Agosto 2004-02-09.

_____. *Imaginário e Culturas da Infância*, Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2003.

_____; PINTO, Manuel. *As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo*. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. *As crianças: contextos e identidades*. Portugal, Centro de Estudos da Criança: Editora Bezerra, 1997.

SILVA, Carla Holanda da. *Território: uma combinação de enfoques – material, simbólico e espaço de ação social*, p.98-115. In: *Revista Geografar*, Curitiba, V.4, n.1, jan/jun 2009.

In <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/geografar/article/viewFile/14430/9698>

TREVISAN. Gabriela de Pina *“Amor e afectos entre Crianças – A construção social de sentimentos na interação de pares”*, 40-70p. *Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância/ Manuel Jacinto Sarmento... [et. al.]; Leni Vieira Dornelles (organizadora)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

Aprovado em março de 2015

Publicado em maio de 2015